
RESENHAS

MACIEL, Maria Lucia. **O milagre italiano**: caos, crise e criatividade. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília: Paralelo 15 Editores, 1996. 204p.

Fruto de uma pesquisa pós-doutoral em Sociologia, realizada na Itália, o livro da professora Maria Lucia Maciel propõe-se a apresentar um retrato, entre tantos outros possíveis, do fenômeno da inovação tecnológica naquele país nos anos 80-90. Creio, porém, que, mais que um retrato desprezioso, na modéstia da autora (virtude rara no campo científico), a obra faz com que nos deparemos com uma multiplicidade de cenas que nos permitem vislumbrar o ambiente histórico, cultural, estético, político, econômico, universitário, empresarial, familiar no qual se desenrola a trama da crise, do caos e da criatividade que resultaram no chamado “il sorpasso” (literalmente, ultrapassagem). Neste sentido, o criativo prefácio de Enio Candotti consitui o prelúdio que nos transporta para o cenário construído pela autora, uma forma de observar o mundo da Ciência e da Tecnologia com o olhar de um Drummond ou de um Nelson Rodrigues, afirma Candotti. Vilma Figueiredo, também autoridade no assunto, escreve na contracapa que é “com cabeça e coração” que Maria Lúcia Maciel descortina para nós, no Brasil, o ambiente da inovação tecnológica em questão.

A própria estrutura do livro nos possibilita transitar pelos diferentes cenários do milagre em exame. Os cinco capítulos assemelham-se a cinco atos de uma obra teatral. O primeiro, ‘História, Cultura e Sociedade’, apresenta ao leitor, em plano geral, os componentes que atuaram no passado e ainda hoje impulsionam a fusão da arte e da técnica na cultura italiana; a relação entre humanismo e conhecimento científico, mostrando que “o passado não está morto e empoeirado em galerias silenciosas, e sim incorporado à animada vida das gerações presentes”, o que faz da Itália um celeiro de talentos no campo do “design”, da moda, das artes, do turismo, enfim, a manifestação de uma cultura e de uma sociedade que sempre cultivou a integração entre sensibilidade estética e técnica; entre conhecimento humanístico e tecnológico. Ademais, os avanços no campo da ciência e da tecnologia, longe de se sobrepor às tradições culturais, a elas se junta, como mais um personagem, sem roubar o brilho dos demais, mas atuando de forma cooperativa, com o intuito de garantir a força do conjunto

da performance e não de uma cena isolada. Neste capítulo, a autora aborda ainda a força da família como base social da cultura, da economia e da sociedade italiana, o que se reflete, hoje, de forma visível e expressiva na constituição das médias e pequenas empresas, bem como os aspectos históricos, geográficos e políticos específicos.

No segundo capítulo, ‘O ambiente da inovação (1950-1980)’, embora ainda em plano geral, a autora já introduz o leitor nas arenas de atuação dos protagonistas do avanço tecnológico: o empresariado industrial, a disposição política do Governo para investir em Pesquisa & Desenvolvimento (P&D), a formação de recursos humanos, a cooperação internacional e a conjunção entre pesquisa científica e reforma social. O cenário principal desses atores é a “Terceira Itália” – uma região geoeconômica bem atípica, se comparada com a tradicional divisão entre o Norte industrializado e o sul agrário - que inclui parte do centro (Toscana, Emilia-Romagna, Umbria, Marche) e do nordeste do País (Veneto e Friuli-Venezia Giulia). A atuação do Estado ocorre de forma parecida com o Brasil, em alguns aspectos, visto que ambos os países possuem em comum, por exemplo, os fortes esquemas de corrupção política, a pouca distinção entre público e privado. Contudo, no caso italiano, a “balbúrdia estatal em C&T” não resulta necessariamente em incompetência ou atraso generalizado, argumenta Maciel. Aliás, é na percepção e na interpretação dos aspectos positivos e das contradições do ambiente da inovação que está um dos maiores méritos deste capítulo. Como escreve a autora, o Estado italiano ainda é o grande gestor de atividades produtivas consideradas estratégicas (siderurgia, química, transportes etc., tal qual o Brasil), mas também é responsável pela fabricação de produtos que estão completamente fora deste parâmetro, como macarrão e *langerie*.

O terceiro capítulo, denominado ‘Il sorpasso: o milagre de 80’, apresenta de forma sucinta, mas vigorosa, as cenas específicas do campo econômico, ou da surpresa econômica, nas palavras da autora. Munida de uma farta documentação estatística, Maciel analisa o complicado fenômeno que incluía reestruturação de empresas, aumento da produtividade industrial, diversificação da produção dos grandes grupos empresariais e a interface de tudo isso com o irrevogável processo de internacionalização da produção e do consumo. Em meio a tudo isso a política de C&T da Itália desponta, apesar das contradições da política governamental, com crescente vigor e determinação. Os recursos destinados a P&D, apesar de estarem abaixo da média dos países ricos, praticamente dobram em uma década e prosseguem em curva ascendente, passando de 0,8% do PIB, em 1980, para 1,4% em

1989. Cresce a participação do País também em atividades científicas de caráter internacional e a instituição do sistema de parques tecnológicos impulsiona ainda mais as atividades tecnológicas, apesar das críticas e dos problemas. Afinal, como demonstra a autora, o ambiente da inovação italiana não está emoldurado apenas por aplausos e glórias, mas também por crises, problemas, contradições.

Em 'Crise e criatividade nos anos 90', quarto capítulo, entram em cena os acrobatas da crise e artífices da criatividade. A explosão dos problemas políticos, a intervenção da Máfia, a crise econômica e o clima de incerteza abalaram o palco social. Ninguém poderia imaginar o que viria com o abrir das cortinas. Assim como o brasileiro apela para o 'jeitinho', a sociedade italiana entendeu que era preciso "arrangiarsi" (se virar), como nos conta a autora. A crise forja um conjunto de transformações, a começar pela família, a qual se torna menos numerosa para não perder em qualidade de vida. Fala-se de uma nova ética, de uma nova identidade italiana. O resultado concreto de tudo isso foi o engendramento de um novo modelo de desenvolvimento econômico. Paralelo a isso e "aparentemente impermeável ao aguaceiro do maremoto político-institucional", o avanço científico e tecnológico segue seu próprio curso. Apesar dos vários ajustes nas contas públicas, o orçamento destinado a C&T não sofre redução e o governo decide aumentar os gastos com o ensino superior, por acreditar que a capacitação de recursos humanos especializados é imprescindível, consciente de que tecnologia não basta; há necessidade de cérebros competentes. As pequenas e médias empresas exerceram papel fundamental neste contexto, como operadoras da criatividade econômica.

No capítulo final, 'Do caos à criatividade: teoria e prática', Maciel apresenta, com simplicidade e concisão, seus fundamentos conceituais e teóricos. Destaca as formulações de Marx e Shumpeter (embora não se limite a esses pensadores). Mas não pense o leitor que irá se deparar com interpretações apaixonadas ou com apropriações ultrapassadas. Apenas o necessário para se compreender os conceitos utilizados pela autora. A perspectiva marxista é evocada tão-somente no que se refere ao papel histórico da mudança técnica, expressa por Marx como desenvolvimento das forças produtivas, além do significado da inovação, que, para Marx, consistia basicamente na maximização dos lucros por parte do empresariado, a fim de garantir a sobrevivência econômica no contexto da concorrência. Já para Shumpeter, o fenômeno em questão resulta da ação do gênio criador do empresário-capitalista empreendedor, representante histórico da força de

Resenhas

vontade e da determinação. As comparações feitas entre a Itália, Japão e Brasil também são muito oportunas e elucidativas, principalmente para quem está interessado em entender melhor a situação brasileira.

Neste capítulo final, a autora desenvolve ainda uma acurada reflexão sobre o papel do Estado e da sociedade civil nos contextos de inovação tecnológica e outros aspectos correlatos à discussão em tela. Destaco ainda suas considerações a respeito do conceito de conhecimento utilizado no livro em apreço. Não há apenas a conotação de ciência e tecnologia, mas uma concepção mais abrangente que inclui toda a herança cultural, a qual engloba noções como intuição, criatividade, estética. Segundo essa concepção, o conhecimento passa a ter um papel mais importante do que o próprio capital material, convergindo na valorização do conhecimento em termos de “potencial humano (sujeito/indivíduo) e, portanto, do trabalho (criação)” (p.145).

Para finalizar, é imprescindível destacar ainda a rica documentação que a obra traz em forma de apêndices. Além de uma atualizada bibliografia internacional na área de C&T, a autora inclui um conjunto de dados - que podem ser muito úteis a pesquisadores e estudantes - sobre a situação da Itália em termos de política, economia, cultura e C&T. Ademais, seria injusto omitir alguns comentários sobre o estilo da autora. Trata-se de um texto primoroso, sofisticado, mas, ao mesmo tempo, agradável e acessível.

Antonio Teixeira de Barros

Doutorando em Sociologia na Universidade de Brasília